

OLHARES ACERCA DO PATRIMÔNIO CULTURAL A PARTIR DO CONCEITO DE CENAS MUSICAIS: UMA APROXIMAÇÃO POSSÍVEL

Augusto Luciano Ginjo (UNIVILLE)¹

Taiza Mara Rauen de Moraes (UNIVILLE)²

Resumo: O artigo aborda as *cenais musicais* de Joinville/SC, na década de 1990, a partir do conceito de Straw (1991, 2004, 2006) como um aglomerado de práticas desenvolvidas por indivíduos unidos pelo gosto em comum por algum elemento cultural (música), em uma variedade de processos de diferenciação e em conformidade com largas trajetórias de mudanças e fertilização cruzada. A partir deste entendimento, propõe considerações acerca do Patrimônio Cultural, especialmente, em Joinville/SC.

Palavras-chave: Cenas musicais. Joinville na década de 1990. Patrimônio Cultural.

Abstract: The article approaches the musical scenes of Joinville/SC in the 1990s, based on the concept of Straw (1991, 2004, 2006) as an agglomeration of practices performed by individuals united by the common taste for some cultural element (music), in a variety of differentiation processes and in accordance with wide trajectories of changes and cross-fertilization. From this understanding, it proposes considerations about the Cultural Patrimony, especially, in Joinville / SC.

Keywords: Musical scenes. Joinville in the 1990s. Cultural heritage.

¹ Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Integrante do grupo de pesquisa Imbricamentos de Linguagens. Joinville-SC, Brasil. E-mail: augustolginjo@gmail.com.

² Doutora em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, mestre em Literatura pela UFSC e graduada em Letras pela Universidade do Contestado. Coordena o Comitê PROLER/ Joinville - Programa Institucional de Incentivo à Leitura - PROEX PROLER UNIVILLE, pesquisadora individual da Rede RELER- iller PUC/RIO Cátedra da UNESCO. Professora do Programa de Pós-graduação- Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. E-mail: moraes.taiza@gmail.com.

Introdução

No decorrer do século XX, a expressão “cenas musicais” era comumente empregada por jornalistas ao abordarem movimentos culturais que possuíam a música como motivação. Em consonância com Nascimento (2014), mesmo antes dos anos 1950, o termo referenciava os shows de *jazz* e, nas décadas de 1980 e 1990, popularizou-se devido às coberturas e matérias jornalísticas que abordavam práticas musicais de diversos gêneros.

Entretanto, a partir dos anos de 1990, o conceito de “cenas musicais” passou a ser estudado academicamente através dos apontamentos iniciados pelo professor do Departamento de Comunicação e História da Arte da Universidade de McGill, Montreal-Canadá, Wil Straw (BENNET, 2004, p. 225), o qual vem discutindo a abrangência deste conceito e sua contribuição para a interpretação de práticas culturais. As “cenas musicais” revelam uma pluralidade cultural em meio à urbe.

Desta forma, partindo do conceito de “cenas musicais”, o presente artigo tem por objetivo instigar ponderações sobre o Patrimônio Cultural. Os elementos que sustentam a proposta que segue decorrem da pesquisa realizada junto ao Programa de pós-graduação da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, na linha de Patrimônio e Memória Social, a qual resultou na dissertação intitulada “Quando os “príncipes” descem do zarco para bater-cabeça: memórias narradas da *cena musical* de rock autoral³ de Joinville/SC durante a década de 1990”⁴.

A investigação operada na busca pela compreensão do recorte sinalizado é assentada pela Metodologia da História Oral, além de pesquisas bibliográficas e em periódicos. De acordo com Sônia Maria de Freitas (2006), a História Oral é um método que utiliza da técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si para registrar narrativas das experiências humanas.

³ “autoral” é a expressão popularmente utilizada para designar o artista ou banda que trabalham exclusivamente com trabalhos de autoria própria, não se dedicam à execução de um repertório *cover*, ou seja, músicas de outros artistas já consagradas e reconhecidas por uma grande quantidade de pessoas.

⁴ Dissertação defendida em Fevereiro de 2017.

Não obstante, para a historiadora Regina Beatriz Guimarães Neto (2012), a interpretação do relato oral segue no sentido de ser um texto repleto de desejos, normas e regras, além das fugas, podendo ser lido como um articulador de discursos, incorporado em uma rede discursiva que, sem totalizá-los, confere-lhe sentidos. Sendo assim, a Metodologia da História Oral possibilita a produção de fontes históricas, tendo como ponto de partida, as narrativas daqueles que vivenciaram determinado acontecimento, somando elementos para analisar os fatos ocorridos, interpretar os discursos, os silêncios, as pausas das falas, não negligenciando que os relatos são anunciados através de seres repletos de sutilezas.

Onze atores das *cenais musicais* de rock autoral da cidade de Joinville/SC que atuaram ativamente durante a década de 1990, como músicos, produtores culturais, jornalistas e público, narraram suas vivências registrando o momento, sendo que, destes, quatro são apresentados no presente artigo.

1. *Cenais musicais*: uma alternativa de prática da cidade

O final do século XX, especificadamente os últimos dez anos, foi significativo para os estudos relacionados ao desdobramento do conceito de “cenais musicais”. Conforme citado anteriormente, a expressão “cenais musicais” já vinha sendo aplicada, principalmente no meio jornalístico, para tratar de movimentos musicais. Conquanto, os olhares acerca do tema passaram a ser aprofundados quando, em 1991, o professor canadense Will Straw, publica seu primeiro artigo dedicado ao tema, intitulado de *Systems of articulation, logics of change: scenes and communities in popular music* (Sistemas de articulação, lógicas de mudança: cenais e comunidades na música popular, tradução nossa).

É salutar evidenciar que os esforços desprendidos no sentido de aprofundar o entendimento sobre o que vem a ser uma “cena musical” são decorrentes de revisões acerca das proposições levantadas pelos teóricos dos Estudos Culturais⁵ durante as décadas de 1960 e 1970.

⁵ Atentos às transformações sociais das décadas de 1960 e 1970, especialmente na sociedade britânica, a academia inglesa passa a compreender o conceito de cultura através de uma perspectiva antropológica em consonância com teorias neomarxistas da produção e reprodução social. Desta maneira, o *Centre for Contemporary Cultural Studies*, localizado na universidade de Birmingham, alastra seus estudos com o desejo de assimilar como artefatos e práticas culturais poderiam oportunizar uma arquitetura de aceitação

Em sua primeira publicação dedicada ao conceito de “cenas musicais” Will Straw (1991, p. 373) apresenta o tema como representação de um grupo onde as práticas musicais são instáveis, móveis, existindo para além da música em si, abarcando as várias formas de troca e fertilização realizadas dentro deste núcleo de pessoas, tendo a música, como elemento de ligação. Em outras palavras, é um espaço cultural, no qual, distintas práticas musicais, coexistem em constante interação, dentro de uma variedade de processos de diferenciação e em conformidade com largas trajetórias de mudanças e fertilização cruzada.

Esta primeira possibilidade levantada por Straw é construída em contrapartida ao entendimento do que vem a ser *comunidade musical*, vinculadas às práticas musicais ligadas diretamente com um local específico. Ou seja, a partir da sua estabilidade geográfica, esta prática musical garante uma permanência e continuidade histórica de um determinado estilo que ali é efetuado, evidenciando, assim, características de fixação, imóvel.

Apenas para citar como exemplo do que vem a ser *comunidade musical*, da perspectiva acima citada, é possível relacionar os registros de bens patrimoniais imateriais brasileiros os quais apresentam a música como objeto, isto é, o *Samba de Roda do Recôncavo Baiano*, validado como uma expressão musical coreográfica, poética e festiva de suma importância para a cultura brasileira, considerada Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, pela UNESCO, desde 2005 (IPHAN, 2006).

Em artigo publicado em 2006, intitulado *Scenes and Sensibilities* (Cenas e Sensibilidades, tradução nossa), quinze anos após sua primeira publicação,

ao *status quo* e à dominação social, encorajando “estratos subordinados a resistir a opressão e a contestar ideologias e estruturas de poder conservadores” (FREIRE, FERNANDES, 2006, p. 25). É nesse ínterim que a expressão *Subcultura* ganha força ao ser relacionada a movimentos, especialmente dos jovens ingleses da classe trabalhadora – como *skinheads*, *punks*, *mods*, - levados em consideração a partir das suas ações mais ou menos “resistente” mediante ao consumo de música, roupas, acessórios e outros símbolos de identidade; no mesmo momento em que a partir do grau de autonomia que eles alimentam dos valores de sua comunidade, representadas pela cultural parental e pela classe trabalhadora (SÁ, 2012, p. 150).

Porém, conforme João Freire Filho e Fernanda Marques Fernandes (2005), o cenário de transformações constantes apresentados pelos anos 1990 possibilitou uma reinterpretação dos estudos empregados pelo CCCS, especialmente no contexto acadêmico anglo-americano, ensejando uma nova área de investigação conhecida como estudos *pós-subculturais*, reavaliando a convivência entre jovens, música, estilo, identidade, conseqüentemente, auferindo novas e híbridas constelações culturais. Assim sendo, novos termos nascem como *canais*, *subcanais*, *redes*, *comunidades emocionais*, *estilos de vida*, *neotribos* e *cenas musicais*.

Straw arraiga seus estudos e apresenta novas possibilidades para o conceito de *cenas*, direcionando no sentido de que, a partir dessa ideia, é possível visualizar uma pluralidade de análises de práticas culturais. Visto enquanto unidade, uma “cena musical” evoca o íntimo de um grupo que se relaciona a partir de um gosto em comum, porém, da mesma forma, revela o cosmopolitismo fluido da vida urbana. Descortina e reconhece círculos internos e histórias secretas mediante atividades e locais sem visibilidade espetacular ou da mídia (STRAW, 2006).

O autor elenca no referido artigo, seis requisitos para a constituição de uma *cena*. São eles:

(a) A congregação recorrente de pessoas em um determinado lugar, (b) o movimento dessas pessoas entre este lugar e outros espaços de congregação, (c) as ruas em que esses movimentos acontecem, (d) todos os lugares e atividades que cercam e nutrem uma preferência cultural particular, (e) os fenômenos mais amplos e geograficamente dispersos de que este movimento ou essas preferências são exemplos locais, (f) as redes de atividades microeconômicas que possibilitam a sociabilidade e ligam esta cena à cidade (STRAW, 2006, p. 06);

Em suma, Straw sinaliza um movimento amplo e fluído que, através do gosto comum de determinado grupo por um elemento cultural, neste caso, a música, denota uma variedade de práticas e interações nos espaços.

A partir dos elementos listados acima, o autor descortina movimentos distintos em um cenário constituído pelos espaços oferecidos pela urbe. Ruas, calçadas, estabelecimentos, praças, bares, casas de shows, oferecem para este público a possibilidade de pontos de encontros, de troca de experiências e informações, vivências. Desta maneira, uma “cena musical” não se restringe ao aspecto musical. A música é o elemento cultural e artístico que, a partir da sua apreciação por um grupo de pessoas, cria uma rede de outras práticas culturais na “malha” da cidade. É neste sentido que, para a pesquisa que enseja o presente artigo, o conceito de “cena musical” indica possibilidades de descortinar movimentos plurais na urbe.

Nesse sentido, ainda no artigo *Scenes and Sensibilities*, Straw afirma que ao analisar uma *cena*, é possível perceber o teatro da sociabilidade urbana através dos locais de congregação utilizados pelas pessoas que atuam neste palco. O autor diz que “chamar esses fenômenos de cenas significa vê-

los em termos de suas lógicas obscurecidas e sua participação no realinhamento contínuo de energias sociais” (STRAW, 2006, p. 7). Perceber a reunião de pessoas que gostam de um estilo musical específico em um determinado local como uma “cena”, pode-se dizer que esses momentos de sociabilidade, aparentemente sem objetivo, são compreendidos na produção de tramas, projetos e identidades de grupo, oportunizando um sentido estético de cidade como espaço de sensações e teatralidades. Sendo assim, imaginar uma cartografia das regiões sociais da cidade e sua interligação passa a ser possível (STRAW, 2006, p. 08).

Em *Cultural Scenes* (cenas culturais, tradução nossa), publicação de 2004, a relação das *cenas* com o território urbano é mais evidente. O autor (2004) indica que o conceito é um convite para mapear o território da cidade com olhares até então não empregados, de modo que também designa atividades cuja relação com o território não é facilmente afirmada. Isto ocorre na medida em que novos olhares são produzidos um novo mapeamento tendo em vista que, a *cena*, em sua constituição, é atuada em espaços poucos perceptíveis ou possuem significados distintos daqueles empregados pelos atores desse movimento. Por outro lado, é tortuoso afirmar estas mesmas atividades realizadas em uma *cena* com o território, ou seja, elas surgem dos excessos de sociabilidade os quais transpassam a busca de interesses, alimentando assim a inovação e a experimentação contínua da vida cultural das cidades. As *cenas*, desta forma, adquirem fundamental papel na produção e funcionalidade da vida urbana, agindo como infraestruturas da cidade para a troca, interação e instrução.

Assim, a interação dos indivíduos que atuam em uma “cena musical” com os espaços urbanos é compreendida em concordância com as ponderações realizadas pelo historiador francês Michel de Certeau, apresentadas em sua obra *A Invenção do Cotidiano*. Ao analisar as práticas do espaço urbano, o autor (1998) demonstra como os praticantes ordinários interagem no íntimo da cidade, caminhando e produzindo um “texto” urbano sem poder lê-lo, espaços que não se veem. É uma história múltipla formada em fração de trajetórias e alterações de espaços.

Contudo, é pensando nos espaços e nos lugares que a obra de Michel de Certeau se mostra valiosa para otimizar o conceito de “cenas musicais”. Ao discorrer sobre espaços e lugares, primeiramente, Certeau estabelece uma distinção entre eles. Conforme o autor, o lugar “é a ordem [...] uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade”. Deste modo, o espaço é o imóvel, o estável, o facilmente demarcado, como uma praça, uma calçada, um bar. Em contrapartida, o espaço se constrói a partir das vivências experimentadas no íntimo do lugar, ou melhor, o lugar se torna espaço no momento em que ali se dão dinâmicas, fluxos, movimentos de uso em que os indivíduos atuam, potencializando e atualizando o lugar, é o cruzamento de móveis, “é produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente” (CERTEAU, 1998, p. 199-200).

É por esta razão que as práticas de sociabilidade produzidas por uma “cena musical” (re)significam um lugar tornando-o um espaço, conferindo-lhe diferentes significados. Por exemplo, uma praça, aparentemente um lugar comum para uma cidade, pode apresentar novos sentidos a partir do momento em que são praticados por diferentes grupos, entre eles, aqueles que compõem uma *cena*. Assim segue para as ruas, os bares, os monumentos, casas, bares.

Deste modo, chega-se ao elo que o presente artigo pretende provocar. A partir das narrativas dos atores que compuseram a *cena musical* de rock autoral da cidade de Joinville/SC durante a década de 1990 são descortinadas práticas e ações diversas no cenário urbano, (re)construindo olhares acerca do Patrimônio Cultural deste local.

2. Patrimônio Cultural e *cenas musicais*: uma aproximação possível

Por intermédio de um roteiro de entrevista semiestruturado, de acordo com o que sugere a Metodologia da História Oral para a produção de fonte que tem como base as narrativas de indivíduos acerca de um acontecimento, a pesquisa buscou compreender como ocorreu a *cena* de rock autoral da cidade de Joinville/SC, durante a década de 1990. Perguntas acerca da composição da cena, do perfil dos atores, onde ocorriam os encontros, como era realizada,

a relação com informações de outras localidades, os consumos de mercadorias conduziram a investigação sobre o recorte delimitado.

Tratando-se de um acontecimento vivenciado no cenário urbano, a pesquisa também foi direcionada em busca das reflexões dos atores da *cena* joinvilense associando os relatos aos signos atribuídos a esta cidade, especialmente, ao que é considerado Patrimônio Cultural de Joinville/SC.

A história da formação de Joinville/SC, localizada na região nordeste de Santa Catarina, reporta-se a chegada, em 1851, de imigrantes europeus provenientes das regiões hoje conhecidas como Alemanha, Suíça e Noruega. Em uma localidade com condições adversas, estes imigrantes contribuíram para o desenvolvimento do local. A imagem do imigrante que trabalhou para construir e desenvolver a região são constantemente convocados para explicar a prosperidade da cidade ao longo da sua trajetória. A historiadora Ilanil Coelho explica:

Conforme escreveu, em 1986, o historiador joinvilense Apolinário Ternes, o imigrante do século XIX é considerado “um vencedor”, pois “mesmo enfrentando situações insólitas” a sua força física e moral venceu “a natureza inóspita, as doenças, a falta absoluta de quase tudo”. Isso graças ao seu “perfil psico-social”: “os alemães que para cá vieram, [...], pertenceram à Alemanha mansa e pacífica, dotados de espírito superiormente refinado e, por isto mesmo, culturalmente evoluídos”. Disso resultou a criação das primeiras sociedades culturais, os bons costumes, a organização e a disciplina tão característica desses imigrantes. Joinville seria, portanto, tributária aos seus antepassados, pois graças a eles poderia se orgulhar de seus adjetivos laudatórios. (COELHO, 2011, p.34);

A figura do colonizador é representada de maneira quase heroica, sendo sua a razão para legitimar a tradição germânica na região, contribuindo para caracterizar uma cidade ordeira, limpa, industrializada, rica culturalmente.

Durante a década de 1990, mesmo diante dos fluxos contemporâneos os quais movimentavam a cidade de Joinville/SC, especialmente as migrações, a presença do discurso do fundador germânico ainda era presente. Ilanil Coelho afirma que havia a presença de vozes “um pouco desafinadas, mas bastante estridentes” insistindo em legitimar a identidade de Joinville/SC como cidade alemã (COELHO, 2011, p. 19).

A retórica da presença e contribuição de imigrantes germânicos também é evocada quando observados os elementos apresentados como Patrimônio Cultural de Joinville/SC. Por exemplo, a cidade faz parte do rol de localidades

divulgado nos *Roteiros Nacionais de Imigração de Santa Catarina*, projeto idealizado pelo Ministério da Cultura e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. De acordo com o site do Instituto, o programa tem por objetivo assegurar a importância do patrimônio cultural destes imigrantes dentro do conjunto cultural brasileiro, oferecendo uma chancela de valor cultural, resguardando conjuntos urbanos e áreas das regiões que o integram, identificando e oportunizando o desenvolvimento sustentável e geração de trabalho e renda (IPHAN,2015)⁶.

O documento *Roteiros Nacionais de Imigração de Santa Catarina* é apresentado através de um Dossiê de dois volumes com informações que abarcam toda a trajetória dos inúmeros imigrantes que desembarcaram em território catarinense, no século XIX, e explora aspectos sociais, históricos, econômicos, políticos, bem como era a região de onde vieram, quais razões que motivaram suas vindas para o Brasil, às colônias catarinenses e operando uma síntese dos movimentos migratórios.

O segundo volume do Dossiê (2007b) é dedicado à apresentação da herança patrimonial deste imigrante. São apresentados razões que dignificam os valores culturais, as práticas e tradições destes povos que se instalaram no estado. Aspectos arquitetônicos, técnicas de construção, o uso de cal, madeira, pedra e metal, as funções de cada edificação, como eram distribuídos às residências internamente, as diferenças de construções religiosas, comerciais, residenciais, além da decoração das moradias, como pintura e móveis, são elencadas, sinalizando o aspecto material destes patrimônios.

Do ponto de vista imaterial, o Dossiê (2007b) aponta o uso da língua no idioma materno, a culinária e hábitos alimentares, além das festas, produção artesanal e nas tradições revividas pelos grupos folclóricos.

Outro exemplo de documento que navega no mesmo sentido, ou seja, ressaltando a herança dos imigrantes, especialmente, no caso de Joinville/SC, dos germânicos, é o projeto desenvolvido pelo *Jornal A Notícia*, “Minha História, Meu Patrimônio”, de 2014⁷, o qual consiste em uma lista de Patrimônios Culturais locais. Segundo o projeto (2014), a cultura é feita de

⁶ Para maiores informações acerca da proposta do projeto, acessar: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/671>;

⁷ É possível acessar o projeto “Minha História, Meu Patrimônio” através do site exclusivo <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/cultura-e-variedades/pagina/minha-historia-meu-patrimonio.html>>.

“tradições e crenças, das festas e da culinária, de grandes construções arquitetônicas e de pequenos produtos artesanais” e, para se conhecê-la, é preciso observar um longo caminho o qual oferece elementos para compreender quem somos e por que aprendemos a ser o que somos.

Dentre os itens apresentados, são listadas casas construídas em estilo Enxaimel, a casa do imigrante alemão Ottokar Doerfell, a Rua do Príncipe e a Liga de Sociedade, clube cultural com forte tradição germânica criado ainda no século XIX.

O discurso da “tradição” é recorrente em ambos os documentos apresentado acima, para legitimar a importância da preservação dos valores culturais dos imigrantes. Para a pesquisa e o presente artigo, o entendimento acerca da “tradição” segue em conformidade com as problematizações suscitadas pelo historiador Eric Hobsbawn, em sua obra *A invenção das tradições* (1997). Conforme aponta, não é raro às vezes em que as “tradições”, aparentemente antigas ou tratadas como tal, possuem uma história recente, quando não são inventadas.

A utilização do termo “tradição inventada” é apresentada por Hobsbawn, sendo compreendida de duas maneiras, isto é, há tradições inventadas, construídas e institucionalizadas e, de outro modo, há aquelas que possuem certa dificuldade de serem localizadas e datadas, porém, estabelecem-se com rapidez (HOBSBAWN, 1997). O autor explica:

Por “tradições inventadas” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento de repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriável (HOBSBAWN, 1997, p. 9);

Ademais, para Hobsbawn, as tradições são inventadas nos momentos em que há uma transformação em uma sociedade capaz de ameaçar a presença de padrões sociais instaurados pelas “velhas” tradições. Deste modo, os novos padrões, muitas vezes, são incompatíveis com as antigas tradições. Outra ocasião em que aparecem invenções de tradições é quando as “velhas”, em consonância com seus divulgadores institucionais, de certa maneira, perderam a capacidade de adaptação e flexibilidade.

A relação das “tradições inventadas”, proposta pelo historiador Hobsbawn, com os elementos considerados patrimônios culturais representados pelos valores dos imigrantes, presentes em Joinville/SC, demonstra-se factual através dos documentos referidos acima, além dos discursos presentes na cidade, durante a década de 1990, conforme anuncia a historiadora Ilanil Coelho, já referenciada.

Como visto, em regra, mediante documentos oficiais ou de grande circulação, o Patrimônio Cultural de Joinville/SC reside na história da imigração, dos colonizadores germânicos e na investida da preservação de suas tradições. Contudo, o paradoxo que a pesquisa, e o presente artigo, pretendem provocar parte dos olhares dos atores da “cena musical de rock autoral”, da cidade de Joinville/SC, durante a década de 1990, pois estes indivíduos “experimentam” a cidade e sua malha urbana, além dos seus signos e símbolos.

A entrevista realizada mediante um roteiro semiestruturado reservou uma pergunta aos entrevistados tocante ao Patrimônio Cultural, com o propósito de investigar qual a relação que este grupo específico de indivíduos possui com estes valores culturais.

O entrevistado Fábio Goerresen⁸, que durante a década de 1990 foi integrante das bandas *Hephrem*⁹ e *Flesh Grinder*, quando questionado sobre o que achava ser Patrimônio Cultural de Joinville/SC musical ou não, responde com hesitação e certa dificuldade em compreender o questionamento. Respondendo com outra pergunta, Fábio disse “*acho que bandinha alemã, né?*”. A desconfiança em sua própria resposta levou-o a um breve momento de reflexão, ponderando que em toda Santa Catarina não existe um gênero musical passível de ser considerado um bem patrimonial. Em sua visão, “[...] só na verdade mais por Blumenau a coisa é mais bandinha alemã mesmo né”.

A mesma avaliação é validada por Cesar Carvalho¹⁰. Atualmente, César não reside na cidade de Joinville/SC, porém, visita regularmente em razão de

⁸ GORRESEN, Fábio. Fábio Goerresen: entrevista [13 out. 2016]. Entrevistador: Augusto Luciano Ginjo. Joinville;

⁹ Hephrem foi uma banda joinvilense em atividade entre 1990 e 1993. Foi umas das primeiras bandas a trabalhar com o gênero mais pesado de rock, conhecido como Metal. Ao todo, lançaram duas demo-tapes com músicas de sua própria autoria. Fonte: Blog Joinroll. Disponível em: <<http://joinroll.blogspot.com.br/2010/05/hephrem.html>>. Acesso em: 16 de out. de 2016;

¹⁰ CARVALHO, Cesar. Cesar Carvalho, entrevista [22 out. 2016]. Entrevistador: Augusto Luciano Ginjo. Joinville.

seus laços familiares. No decorrer dos anos 1990, foi membro das bandas *Tormentos dos Vizinhos*¹¹ e *Sanchez*¹². Em sua narrativa, afirma que “se tu for estudar, eu sei que tem um monte de estudo das bandas da época”, esclarecendo que, do ponto de vista musical, “talvez as músicas alemãs, as bandas alemãs” poderiam ser representantes de um patrimônio da cidade.

Relativamente ao Patrimônio da cidade, de modo geral, Cesar salienta “ah, tem um lance todo das casas enxaimel”, além disto, lista artistas plásticos como “Fritz Alt, Schwanke e Juarez Machado”.

Em ambos os casos, as respostas são embaladas pela incerteza, sem muita convicção. Fábio e Cesar não demonstraram interesse em pensar sobre o Patrimônio Cultural de Joinville/SC.

A narrativa concedida por Marcelo Oliveira da Silva¹³, frequentador e atendente da loja de discos *Rock Total*¹⁴, a dubiedade no que tange ao Patrimônio Cultural de Joinville/SC também está presente. Ao responder questões relativas aos bens patrimoniais, Marcelo reflete e conclui não se lembrar de nenhum bem relevante que simboliza o Patrimônio da cidade e, propõe outro questionamento: “cerveja?”.

Mais um exemplo de como há discrepância nos olhares dos membros da *cena musical* em questão acerca do Patrimônio Cultural da cidade de Joinville /SC provém da narrativa do jornalista Rubens Herbst¹⁵. Rubens, durante a década de 1990, frequentou inúmeros shows das bandas locais. Atualmente, trabalha em um dos veículos de comunicação impressa de maior circulação na cidade, sempre abordando temas relacionados à produção cultural da região.

¹¹ Banda joinvilense em atividade entre os anos de 1992 e 1997, somando cinco anos de existência. Ao todo, lançaram dois discos de músicas próprias. O primeiro, intitulado “Tarsius Spectrum”, é de 1993. E “that’s the question”, de 1994. Suas músicas eram escritas em inglês e português. Fonte: Blog Joinroll. Disponível em: <<http://joinroll.blogspot.com.br/2011/08/tormento-dos-vizinhos.html>>. Acesso em: 26 out. 2016;

¹² Iniciada em 1996, a banda *Sanchez* nunca se prendeu em um único estilo de rock. Lançaram, em 2000, a demo-tape intitulada “Gangsta Way of Life”, com seis músicas de autoria própria do grupo. Fonte: Blog Joinroll. Disponível em: <<http://joinroll.blogspot.com.br/2010/05/sanchez.html>>. Acesso em: 28 de set. de 2016;

¹³ SILVA, Marcelo Oliveira. Marcelo Oliveira da Silva: entrevista [22 out. 2016]. Entrevistador: Augusto Luciano Ginjo. Joinville;

¹⁴ A loja de discos *Rock Total* foi fundada em 1990 e trabalha com artigos relacionados ao universo da música, especificadamente, do rock. A presença da loja na cidade foi de fundamental importância para o desenvolvimento da *cena musical* de rock autoral durante a década de 1990. O estabelecimento era o ponto de encontro desses indivíduos que, dentro e fora da loja, trocavam informações, organizavam eventos, partilhavam gostos, projetos, formavam bandas, além de acessar as novidades musicais através dos discos que eram ali comercializados.

¹⁵ HERBST, Rubens. Rubens Herbst, entrevista [17 out. 2016]. Entrevistador: Augusto Luciano Ginjo. Joinville;

Sua declaração, ao pensar o patrimônio da cidade, afirma que, se fosse para representar um estilo de música, seria uma *“marchinha germânica e tal tal tal”*. Contudo, salienta que não seria algo exclusivo de Joinville/SC. Ele fala *“isso pode ser um patrimônio de Brusque, pode ser um patrimônio de Blumenau, de centenas de cidades podem reivindicar esse patrimônio, sabe?”*.

Rubens é contundente ao sentenciar que há vários patrimônios culturais na cidade de Joinville/SC, todos eles personificados nas figuras dos artistas que estão *“há 30/35 anos contribuindo, fazendo, produzindo, né, passando por inúmeras dificuldades né?”*. São artistas plásticos, do teatro, audiovisual, da literatura, da música.

É oportuno realçar o fato de Rubens considerar Patrimônio Cultural os artistas e não, necessariamente, as obras, em razão do esforço dedicado destes indivíduos na ânsia de realizar seus trabalhos. Rubens Herbst afirma:

São patrimônios culturais da cidade porque estão aí, né, produzindo, contribuindo pra diversidade pra mostrar um pouco da cultura joinvilense, da cara da cidade, de cada um da sua área, de cada um no seu entendimento, na sua linguagem, mas como figuras em vários patrimônios [...]

Ou seja, Patrimônio Cultural, para Rubens, está mais bem representado pelos artistas e seus esforços em permanecer produzindo seus trabalhos.

Os dados aqui evidenciados sinalizam a relação do Patrimônio Cultural e os atores da “cena musical” analisada se restringem as menções à “música alemã” ou “bandinhas alemãs”. São quase inexistentes os momentos em que outros elementos culturais despontam como bens patrimoniais de Joinville/SC. Os valores propagandeados pelo discurso público como imigração, colonização, germanidade, festas tradicionais, tradição, culinária típica, edificações e estilos arquitetônicos, mesmo abraçados em políticas de divulgação e preservação, não elencam o rol de possibilidades de Patrimônio Cultural do repertório dos entrevistados, não *ressoam* em suas memórias ou nas suas visões sobre o tema.

O uso do termo “ressoar” faz referência ao fenômeno da *ressonância* que, conforme José Reginaldo Santos Gonçalves (2005), discorre sobre a relação entre os bens patrimoniais e a sociedade. Segundo o autor, compreendendo ser o Patrimônio Cultural uma construção ou invenção no presente, com o objetivo de expressar e legitimar a identidade e memória de

um povo, Estado ou Nação, a *ressonância* configura-se como precaução quando determinados bens culturais, ao ser considerado Patrimônio Cultural, não são acolhidos ou reconhecidos por alguns setores da população.

Este fenômeno revela o fato de que, para ser considerado um patrimônio, não basta exclusivamente da vontade e decisão de uma autoridade para existir ou ser preservado, sendo necessário, encontrar ressonância perante seu público, repercutir de maneira ampla, ser representativo.

Os atores atuantes da “cena musical de rock autoral” da cidade de Joinville/SC representam uma parcela específica da sociedade, entretanto, como visto, praticam e experimentam a cidade, seus espaços e seus símbolos. Deste modo, conferem possibilidade de interpretar as relações existentes na cidade e como, a partir disso, conferem novos significados para ela.

Considerações Finais

O conceito de “cenas musicais”, apresentado e discutido inicialmente pelo professor canadense Will Straw, revela um movimento consequência do encontro de pessoas que nutrem o gosto em comum por determinada prática cultural. A partir desta junção, estabelecem, informalmente, um circuito, formado por encontros, vivências, experimentos, pelos espaços oferecidos pela cidade. Ruas, praças, calçadas, estabelecimentos comerciais são alguns dos locais que instituem o cenário ideal para estes acontecimentos.

Não obstante, os atores atuantes destas *cenas* empregam diferentes significados e sentidos para estes lugares, passando pela presença ou ausência de reconhecimento, por exemplo, dos discursos do que vem a ser Patrimônio Cultural. Por esta razão, a possibilidade de refletir acerca do Patrimônio Cultural a partir do conceito de “cenas musicais” viabiliza outros olhares sobre a cidade.

É imprescindível sublinhar que essa não é uma investida em direção ao reconhecimento das *cenas musicais* ou, especificadamente, a “cena musical de rock autoral” da cidade Joinville/SC, durante a década 1990 como Patrimônio Cultural. Mesmo que o objeto da pesquisa se refere à arte, à música. Contudo, a intenção é instigar considerações sobre os movimentos do campo patrimonial. No caso de Joinville-SC, no mínimo, descortina uma pluralidade

cultural ainda não vista, indo além dos elementos enraizados da imigração e tradição dos colonizadores.

Sem embargo, vale citar exemplos de cidades brasileiras que, por possuírem práticas culturais contundentes relacionadas ao rock, desempenhando papel relevante em suas diversificações culturais, estão aproximando estes movimentos ao âmbito do Patrimônio Cultural. Um destes casos é a lei n. 5.615, de 22 de fevereiro de 2017, a qual declara o *rock* Brasiliense como Patrimônio Cultural Imaterial do Distrito Federal.

Outro exemplo é encontrado na cidade de São Paulo. Há em tramitação na câmara de vereadores um projeto de Lei, sob o n. 0002/2014, que propõe o reconhecimento do *Centro Comercial: Grandes Galerias*, conhecido por *Galeria do Rock*, como Patrimônio Cultural da capital.

É preciso atentar-se para as diferenças contextuais ao comparar os exemplos citados acima com a cidade de Joinville/SC, principalmente aqueles referentes aos movimentos musicais de cada localidade. Contudo, não há como negar as possibilidades de discussão, geradas a partir destes projetos de lei, no que tange Patrimônio Cultural.

A relação da *cena musical* aqui estudada e suas intersecções com o campo do Patrimônio Cultural demonstram inúmeras possibilidades e pluralidades culturais existentes em Joinville/SC em detrimento de diferentes grupos que praticam arte e concebem a cidade pelas suas numerosas facetas.

Referências

- BENNETT, Andy. **Consolidating the music scenes perspective**. Guildford: University of Surrey Press, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. Tradução técnica Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- COELHO, Ilanil. **Pelas tramas de uma cidade migrante**. Joinville, SC: Editora UNIVILLE, 2011.
- FREIRE FILHO, João; FERNANDES, Fernanda M.. Jovens, espaço urbano e identidade: reflexões sobre o conceito de cena musical, In FREIRE FILHO, João; JANOTTI JUNIOR, Jeder. (orgs.), **Comunicação e música popular massiva**. Salvador: Edufba, 2006. p. 25-40.
- FREITAS, Simone. M. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, Materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, n. 23, jun-jul 2005, p. 15-36.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Historiografia, diversidade e história oral: questões metodológicas, In LAVERDI, Robson; FROTSCHER, Méri; DUARTE, Geni R.; MONTYSUMA, Marcos F. F.; MONTENEGRO, Antonio T (orgs), **História Oral, desigualdades e diferenças**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.
- HOBBSAWM, Eric J. **A era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991**. Tradução técnica Marcos Santarrita. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional. **Dossiê Samba de Roda do Recôncavo Baiano**. Brasília: IPHAN, 2006.
- _____. **Roteiros Nacionais de Imigração – SC**. 2015. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/671>>. Acesso em: 25 nov. 2016.
- NASCIMENTO, Artur O. G. As cenas musicais no recife e as práticas memorialísticas acerca do udigrudi. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 16, 2014, João Pessoa. **Anais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. João Pessoa – PB, 2014. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/indiceautor_DT.htm> Acesso em: 25 ago. 2016.

ROTEIROS NACIONAIS DE IMIGRAÇÃO SANTA CATARINA. **Dossiê de Tombamento**. Volume I. Histórico, análise e mapeamento das regiões. Ficha técnica. 2007. Acervo do IPHAN-SC.

_____. **Dossiê de Tombamento**. Volume II. O patrimônio do Imigrante. O modelo de ocupação de território, A arquitetura das regiões de imigração, Patrimônio imaterial. Ficha técnica. 2007. Acervo do IPHAN-SC.

SÁ, Simone P. Cenas Musicais, Sensibilidades, Afetos e Cidades, In GOMES, Itânia; JANOTTI JUNIOR, Jeder (orgs), **Comunicação e Estudos Culturais**. Salvador: Edufba, 2011. p. 147-161.

STRAW, Will. Systems of articulation, logics of change: scenes and communities in popular music. **Cultural Studies**, n. 3, v. 5, 1991, p. 361-375.

_____. Cultura Scenes. **Loisir et société/Society and Leisure**, Université du Québec, n. 2, v. 27, 2004, p. 411-422.

_____. Scenes and Sensibilities. **Revista E-compós**, n.6, 2006, p. 1-16. Disponível em: <http://www.compos.org.br/ecompos/adm/documentos/e-compos06_agosto2006_willstraw.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2016.